

Educandário Pestalozzi

OBRAS DO GINÁSIO

Como já é do conhecimento dos leitores e do povo em geral, as obras do Ginásio Pestalozzi prosseguem sem interrupção. Propuzemo-nos à medida de nossas forças, confiando no Alto, levar a cabo tão relevante empreendimento, na intenção de sanar uma das maiores dificuldades dos espíritas, na educação de seus filhos. É o Educandário Pestalozzi obra ampla e de grande alcance. Incontestavelmente, é a educação o magno problema do Brasil, momento dos espíritas. E o Educandário Pestalozzi vem preencher este fim. O plano do Ginásio se esboça com todas as características de um estabelecimento de primeira ordem, magnífica planta, com todos os requisitos pedagógicos modernos, sólida e perfeita construção, até agora, visto como o grande edifício já está recebendo a cobertura. Será o ensino primário e secundário, primando os promotores na escolha do corpo docente capaz e nos métodos pedagógicos o mais eficientes. Terá o Ginásio frequência externa e internato em pavilhão separado. O Educandário próprio internato, de crianças abandonadas, de ambos os sexos, constitui essencialmente o espírito do empreendimento. As crianças do Educandário trabalharão nas fábricas do estabelecimento e receberão educação integral. Estamos possuindo do pensamento de que não pode haver trabalho mais útil e eficiente, principalmente no meio espírita, que mais precisa dos recursos educativos prestados num ambiente de verdadeira liberdade de pensamentos e nos moldes do Cristianismo puro, seguidos como têm sido até aqui os espíritas na educação de seus filhos. O dogmatismo tem voltado suas vistas preocupantes para a criança, na certeza que na orientação da criança está o resultado futuro.

Já é tempo de cogitarmos da educação dos nossos filhos, na sã orientação que a Doutrina do Espiritismo pode dar. Não se trata completamente os pais espíritas na suposta liberdade concedida aos filhos, afirmo de que tomem a direção que muito bem entendam. Não há bem maior neste mundo do que seja a educação dentro dos postulados cristãos, e o Espiritismo preenche este anelo no mais alto grau. Para muito breve, acreditamos, o Educandário entrará em atividade, sendo uma grande obra no Espiritismo. Aqueles que nos têm auxiliado com seus esforços e contribuições quer material quer moral, havemos de corresponder à sua boa vontade, esforçando pela educação de seus filhos.

T. Novelino



ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA CASA DE SAÚDE ALLAN KARDEO.

Redação: Rua Irmãos Anífunes, 431 — Oficinas: Rua Campos Sales, 929 — Caixa Postal, 65 — Franca

Ano XX

Director de 15/11/927 a 21/6/942 — JOSE' M. GARCIA
Director — Dr. TOMAZ NOVELINO
Gerente: Vicente Richinho — Redator: Agnelo Morato

N.º 766

O ÓBULO DA VIUVA VINÍCIUS

Sentado em frente ao gazofilácio, Jesus observava como o povo depositava ali as suas dádivas. Os ricos deitavam grandes quantias; chegando, porém, uma viúva pobre, lançou duas pequenas moedas de cobre, no valor dum quadrante. Chamando, então, Jesus, os seus discípulos, disse-lhes: «Em verdade vos digo, que esta pobre viúva lançou mais no gazofilácio que todos os ofertantes: pois estes deram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, tudo o que dispunha para o seu sustento».

O Divino Educador costumava ensinar através das páginas do livro da vida, fazendo do mundo uma escola.

Em que critério se fundaria Ele para afirmar, como afirmou, que a viúva pobre, ofertando á

arca do templo, duas moedinhas de ínfimo valor, havia dado mais que os ricos que ali deitaram grandes somas?

Jesus, como interprete da soberana justiça, não julgava pelas aparências, como, em geral, fazem os homens. O valor da oferta da viúva não estava no que se podia ver, mas, precisamente naquilo que escapa à percepção dos sentidos. Toda a valia da sua dádiva, provinha do esforço que empregou para consumá-la, privando-se de tudo que possuía, daquilo que estava reservado para satisfazer a mais premente e cruel das necessidades humanas, que é o pão de cada dia. Só mesmo a fé sincera e pura podia determinar tão grande renúncia, atingindo mesmo às raízes do sacrificio. Foram, pois, estes valores morais que o Mestre soube computar devidamente, ao passo que nos homens passam, geralmente, despercebidos.

A balança da divina justiça, pensando o que os ricos retiveram em mãos, em relação do que deram, constatou uma nulidade; feita a mesma operação com respeito a viúva, verificou que sua oferta foi a mais valiosa possível, por isso que ela deu tudo quanto tinha. Quem dá tudo que tem, dá o máximo. Não pode haver oferta maior. Tais foram os fundamentos em que se baseou o juizo do Filho de Deus.

Por associação de idéias ocorrem-nos à mente o que se passa na sociedade com respeito ao critério adotado no valor que se dá ao trabalho, donde resulta, consequentemente, a distribuição da riqueza.

Costuma-se dividir o trabalho humano em duas categorias: o intelectual e o manual, isto é, o da inteligência e o dos músculos. O primeiro faz jus a remunerações desproporcionadamente maiores que os últimos. O trabalho intelectual chega, por vezes, a culminância dum valor meramente estimativo, enquanto que o labor dos músculos, quanto mais rude e penoso, tanto menos valia representa. Será justo semelhante maneira de julgar o produto da atividade humana?

Porque motivo vale muito esforço da inteligência e vale pouco, quasi nada, o esforço dos músculos? Será, talvez, porque se empresta certa nobreza ao trabalho intelectual? Parece-nos que aqueles que arrotem o sólo e abrem leiras para receber a semente, reproduzindo periodicamente o milagre da multiplicação dos pães, realizam a mais nobre e santa das atividades.

A significação do vocábulo — trabalho — segundo os economistas, é a atividade humana empregada na produção de utilidades. Ora, o trabalho manual é tão necessário como o intelectual. Um, não é, em rigor, superior a outro, por isso que ambos preenchem as necessidades da vida humana.

A única explicação de tamanha disparidade na compensação auferida pelo trabalho da inteligência em relação aos dos músculos, está no fato de serem os Intelectuais que fazem as leis e regulam os hábitos e costumes vigentes na sociedade. Vivemos sob o despotismo da inteligência divorciada do sentimento. Daí procede a iniquidade. Sim, iniquidade, não exageramos, porquanto o leixeiro e o cabouqueiro que despendem o maior esforço; que, como a viúva pobre, dão tudo que tem, merecem um salário que lhes proporcione, e ás suas famílias, um relativo conforto. Eles tem direito á vida e aos legítimos prazeres que amenizam as asprezas da luta cotidiana. Demais, sempre considerar, que todo o trabalho é intelectual. Os músculos são dirigidos pela inteligência. Não há labor exclusivamente manual, por isso que o homem não é máquina, cuja função é puramente mecânica. Os que exercem rudes mistérios são aqueles cuja inteligência não foi ainda educada suficientemente para proporcionar-lhes uma atividade menos árdua e mais compensadora. Abusar dessa situação, como sóe acontecer em nosso meio, é clamorosa injustiça.

Por essas e outras iniquidades consumadas neste mundo, é que Jesus nos adverte, dizendo: «Se a vossa justiça não for superior a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus».

Impressos comerciais e curios, não exortados com capricho na officina tipográfica de «A NOVA ERA»
Rua Campos Sales, 929 — Franca

CUIDADO COM AS PALAVRAS

José Russo

Muito se tem escrito e falado sobre a arte de manejar a lingua. Desde os antigos tempos, os velhos patriarcas cultivavam com alta sabedoria o emprego oportuno da palavra. Sabiam que u'a palavra proferida favoravelmente poderia proporcionar a felicidade ás coletividades como não ignoravam que pronunciada em determinadas circunstâncias seria fagulha a destruir um povo.

Cristo resumiu a sua advertência nestes termos: «Seja o teu falar sim, sim, não, não... cuidado com o que sai da boca».

Afirmam doutos teólogos e moralistas emilicantes, que cada palavra tem a sua ação inalterável em determinados momentos. Uma palavra pode, ás vezes, modificar a rota de muitas vidas. Interrompendo o curso do próprio destino.

As palavras que ouvimos na infância exercem grande influência em nossa formação moral, cristalizando em nossa mente a parte boa ou má nos seus efeitos, perdurando pela existência, sempre vivas em nossas recordações.

De fato, a palavra exterioriza os sentimentos internos do homem. «Fala para que em te conheça», concita o adágio da velha sabedoria. Pela linguagem visualizamos a índole, a cultura, a elevação e a baixaza dos sentimentos ocultos, e de tal forma que nem a polidez avulhada das expressões poderá esconder o caráter de quem nos fala.

O homem, em sua constante atividade em busca do melhor, escolhe para seu bem estar, conforto e felicidade, tudo quanto de bom possa encontrar, mesmo empenhando todos os

seus recursos de ordem material ou intelectual.

Escolhe a indumentária, o alimento, o tecto, o remédio, o trabalho e as diversões favoritas. Tanto quanto lhe seja possível, emprega ação e raciocínio em demanda de melhor parte, não regateando sacrificios... Entretanto, para falar nada escolhe: nem os termos nem as ocasiões, dando á lingua irrefletidamente, ferido, julgando, mentindo ou falseando o lado real das coisas. Para falar não existem cuidados especiais. Para o falador vulgar não há um critério orientador. Tomando a «deixa» assoalha os boatos, as notícias, deturpando os fatos, antegozando a volúpia de propagação em grande escala.

A palavra sã espalha benção, amor, consolação, incentivando a alegria de viver, aumentando dos corações aflitos os momentos incertos em que a alma se sente sem arrimo para carpir á sua desventura. Quantas vezes um vocábulo proferido num instante de irreflexão arde mais que as chamas de uma fogueira, fere, destrói qual corrosivo, alastrando-se em dan nos irreparáveis!

A palavra sã eleva, illumina, desperta. Pudesse toda criatura, todo cristão, todo espírita, aprender o cultivo sagrado das boas palavras, prodigalizando-as no trato com os semelhantes, dando-as como presentes de subido valor, nunca criticando, julgando ou torcendo se veículo de falsos conceitos, e certamente a sociedade humana gozaria maior tranquillidade de espirito.

A palestra amistosa alegre, aproxima, enternece os corações.

Sejamos, portanto, portadores da palavra sã e fraterna até

mesmo para com os idiotas, cretinos, os tremalhados de todas as classes, os considerados indignos e desajustados sociais pois afirmamos que a palavra carinhosa, terna e conciliadora exerce tal influência benéfica nos espíritas atribulados por amarguras físicas e morais que até os loucos se sensibilizam e choram!...

Sim. Comovem-se por sentem que alguém dêles se compadece falando-lhes com ternura e compaixão.

É verdade que as palavras repassadas de carinho consolam e reanimam as pobres criaturas cuja razão envolta na penumbra da confusão impossibilita-lhes a compreensão dos problemas da vida.

A palavra cristã é bálsamo que suavisa, é força que eleva, é maná celeste que faz o louco chorar!...

AOS NOSSOS COLABORADORES

Pedimos aos nossos distintos colaboradores evitarem a remessa de trabalhos longos. Nesta data a direção deste órgão passa a preferir os trabalhos de tamanho menor ou médio. Os que exorbitarem dessa condição, salvo casos especiaisíssimos, não serão publicados.

Impressos? Carimbos? Livros?

Livraria «A NOVA ERA»

Herança do Pecado

LIVRO DE EXPERIÊNCIAS E ESTUDOS ESPIRITUAIS DE ENCARNADOS E DESENCARNADOS

Preço — Cr. \$ 16,00

Pedidos á Livraria «A Nova Era», 1947

Rua Campos Sales, 929 — FRANCA — Mogiana (R. S. Paulo)

A Reincarnação

Em correspondência que mantenho com um distinto padre, parente e amigo, disse-me ele em uma de suas cartas que, na Bíblia não há nenhuma referência à reencarnação. Apresentei-lhe então, algumas passagens das Escrituras, nas quais vislumbro provas dessa doutrina, muito patentes, tão evidentes que, negá-las seria desmentir quem as propoz.

No Livro da Sabedoria, livro que faz parte do canon das Escrituras, adotado precisamente pela Igreja Católica, (esse livro não é encontrado na Bíblia protestante) da qual o meu amigo é sacerdote, no capítulo XIII, v. 19 e 20, lemos:

«Eu porém era um menino de bom natural, e coube-me por sorte uma boa alma. Ou antes, como eu era bom, entrei num corpo incontaminado.

Logo há almas que já antes de tomar um corpo são más, por isso mesmo (porque todo efeito tem uma causa, como se deduz dessas palavras de Salomão) este que lhe couber será necessariamente contaminado, isto é, imperfeito, adequado a proporcionar-lhe o adestramento e desenvolvimento das virtudes, da paciência, etc. As palavras de Salomão supõem o pecado e o castigo, a virtude e a recompensa. É esse o colorido, a dedução adicional que tiramos dessa proposição tão claramente demonstrada.

No livro de Job, cap. II, v. 21, lemos o seguinte: «Nú saí do ventre de minha mãe, e nú tornei para lá», e o autor de uma tradução, Pe. Matos Soares completa—(para o seio da mãe terra). Esse complemento, porém, é falso, e não exprime, creio, o pensamento do grande Job; nem mesmo supondo-se que naquele tempo fosse usado tirar a roupa aos defuntos afim de enterrá-los. Um enterrado naqueles tempos seria então defeso aos olhos femininos e aos menores. Esse complemento é contraditório com o capítulo IX, v. 18 e seguintes, da Gênese, no qual admiramos a pudicícia de Sem e Jafet. Job disse: *tornearei para lá*, referindo-se ao ventre de sua mãe, e não à terra.

No Apocalypse, cap. XX: 5, lemos: «Os outros mortos não tornarão à vida, até se completarem os mil anos» (Os máis serão da terra—não tornarão à vida, até se completarem o período de expulsão, depois do que voltarão ainda—Satanaz será solto de sua prisão.) Vejamos Ezequiel XXXIX: 14. Aqui está como eu entendo a ressurreição dos mortos, o Juízo Final—outra

prova de reincarnação, na Bíblia. Em São Mateus, cap. XVII v. 12, vemos o que se segue: «Di-go-vos porém, que Elias já veio e não o conheceram, antes fizeram dele o que quiseram.» «Então os discípulos compreenderam que lhes tinha falado de João Batista».

«Não o conheceram», essas palavras não teriam cabimento se João Batista não fosse Elias, pois como queria Jesus que seus discípulos o reconhecessem, si de fato João Batista não fosse Elias?

Mas João Batista era Elias, foi por isso que, ao ouvir a clara indicação do Mestre, os seus discípulos, tão simples por uma dedução lógica concluíram: «João Batista é Elias!» e os de hoje, que não estão de acordo, concluem: «João Batista não era Elias!» A quem daremos crédito, a Jesus?

O próprio fim de João Batista confirma a lei que S. João nos ensina no apocalypse: «Aquele que matar à espada, importa que seja morto à espada». Com efeito, Elias matou os sacerdotes de Baal, e provavelmente, tendo degolado os sacerdotes, teve morte semelhante.

Existem ainda muitas outras passagens, quer do Velho, quer do Novo Testamento, que provam a existência da reencarnação.

LAC

Amigo!

PENSE nos que dormem ao relento.

LEMBRE-SE dos que, viajando em busca de recursos, abrigam-se nas cadeias, ou se encostam às portas frias das casas.

PENSE, amigo! E mande sua oferta à

COMISSÃO PRÓ ALBERGUE NOTURNO DE FRANÇA

Caixa Postal, 65 — FRANÇA E. São Paulo — L. Mogiana

DR. T. NOVELINO

Médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

CLÍNICA GERAL—CIRURGIA PARTOS—DOENÇAS DE ORELHAS—SÍFILIS

Rua Monsenhor Bossa, 785 — Franca

Em Torno de uma Mensagem

Ismael de Paula e Silva

Há dias, passando os olhos em alguns números da «A Oestelha», mensário de difusão de ensinamentos Espíritos, editado no Capítulo do Estado, tivemos oportunidade de ler uma publicação inserida no seu número de outubro último, sobre a qual pretendamos tecer alguns comentários. Desejamos, entretanto, não se veja em nossas considerações vislumbre sequer de espírito de crítica, na sua expressão vulgar, ou destrutiva, mas sim o fruto sincero de uma serena observação. Por outro lado, não desistamos sequer de leve, seja o traçado destas linhas recebido sem ataque a qualquer pessoa ou sociedade espírita, porquanto, a nossa intenção é fazer comentários construtivos, com o ofuscamento muito leal da conclusão a que chegamos, ante o raciocínio oriundo do confronto que temos e o que nos ensina o inconfundível codificador. Sob o título «Val Resuscitatio», pública e apreciada revista, em sua página 7, uma mensagem enviada ao Centro Espírita «Irmã Teresinha», da cidade de Pinda, e subcrita por entidade que se identifica pelo nome de «Padre Zabeu».

Antes de entrar nos comentários a que nos propomos, desejamos esclarecer aos prezados leitores que, acerca da individualidade do Padre Zabeu, é esta a primeira vez que ao autor destas linhas foi dado conhecer seu nome. Todavia, apesar desta ignorância, não creio servir de impedimento a considerações em torno do assunto, dada sua natureza,

puramente doutrinária. Segundo tudo nos indica, entendemos que quem se chamava no plano terreno Padre Zabeu, foi um abnegado apóstolo do bem, em cujo feto depositamos a nossa melhor crença, não só porque vemos sua plena aceitação, como não temos elemento em contrário.

Acreditando, assim, na elevação do espírito do Padre Zabeu, a outra conclusão não podemos chegar, senão que a mensagem que se lhe atribuem é apócrifa. Ou então, se verdadeira, não tem o espírito a superioridade que lhe é atribuída. Mas, deixemos de lado esta última hipótese, por não se coadunar com a opinião de ilustrados irmãos em crença, mercedora de nosso melhor acatamento. Vamos, portanto, aceitar a primeira, para ponto de partida dos nossos comentários.

Logo, no segundo período da mensagem, seu autor, ao se referir aos médiums Osvaldo Belo, diz que jamais deixou medrar nelas o germem da tentação por lucros, etc. De tal afirmativa deduz-se, aos olhos de pretensão, muito comum nos espíritos inferiores. Ser-lhe-ia lícito dizer, como espírito superior, que jamais deixou de emprestar águelas dois irmãos a sua influência, na intenção de não medrar nelas o germe da tentação etc, mas nunca a linguagem em que deixou transparecer infalibilidade, quando nem mesmo os nossos anjos guardiães ou outros quaisquer espíritos de luz podem nos desviar do erro a

a que raro descambamos, porque por maior que seja o interesse que tenham por nós, seus conselhos, se vãos tornam-se improficuos, resultando seu afastamento em respeito ao nosso livre arbítrio.

Pouco distante diz a mensagem: «Pedi ao Pai a minha reencarnação a esta foi-me concedida. O meu pedido foi feito em benefício da Doutrina Espírita, em primeiro lugar, porque vários médiums, ou pseudo-médiums tem tirado proveito material do vil metal, servindo-se de meu nome, tão amplamente conhecido no mundo inteiro...»

Talvez, tudo quanto tenhamos lido relativamente à Doutrina Espírita nos tenha trazido muita ignorância porque não nos é possível conceber que tais palavras tenham partido de um espírito adiantado. Não vemos aí senão idéias vagas muito próprias de espíritos das baixas esferas. Notam os prezados leitores as palavras que tivemos o capricho de grifar! Quanta pretensão, quanta arrogância, quanta vaidade em torno de um nome! Para qualquer pessoa que tenha certos conhecimentos da doutrina, não é segredo o nenhum valor que os espíritos superiores dão a um nome que tiveram na terra. Esse nome, para eles, não tem a menor significação. Logo, só a inferioridade pode gerar tanta vaidade e tanto orgulho. Por várias vezes insiste e repete com veemência na defesa desse nome, que nos cause espanto.

Conclue no p. numero

A' «UNIÃO DOS ESPÍRITAS»

«Um felize de varas difícilmente se quebrará, enquanto uma vara soita qualquer criança a tornar-se em pedaços.»

Quando comecei a dar os primeiros passos na doutrina Espírita, compreendi que havia um grande trabalho a realizar: a união de todos os espíritos.

Quando dirigi, em 1944, o Centro Espírita «União e Caridade», da cidade de Taubaté, um dos trabalhos que considerei de maior importância, foi o de congregar todos os Centros existentes na cidade em um só. Embora cada zona da cidade possuísse o seu Centro próprio, não impedia que nos dias pre-determinados, elementos das demais agremiações espíritas se reunissem no Centro que, devido as suas melhores instalações, mais amplo salão para trabalhos dessa natureza abrigasse sob seu teto todos os espíritas da cidade, para, num só pensamento e num só vontade, estudar a doutrina do meigo Rabi da Galiléia e as obras do mestre Kardec.

Mas, talvez, por não ser a época da sementeira, ou por ter tido graves falhas no nosso trabalho, não vimos coroados de êxito os nossos empreendimentos. Os centros continuaram como estavam, isto é, cada qual com o seu método de trabalho e os espíritas se desconhecendo entre si, ignorando portanto a força que representavam lutando por esse motivo com grandes e maiores dificuldades para realizar qualquer obra.

Estamos em 1947, agora em São José dos Campos, desenvolvendo o mesmo trabalho que em 1944, com a diferença que, agora estamos unidos, conseguimos reunir no Centro que maior conforto oferece, melhores instalações possui, todos os espíritas de todos os centros da cidade aqui se compreendem, todos se conhecem.

Em dias pre-determinados, visitamos os centros espalhados pela cidade, e lá proferimos palestras doutrinárias, e estudamos em conjunto a doutrina ensinada pelo Mestre, Bão de parabéns, portanto, os espíritas de São José dos Campos.

E foi com grande satisfação que hoje, logo às primeiras horas da manhã, recebemos a visita de dois membros da Diretoria do novo centro, que acaba de inaugurar-se no populoso bairro da Vila Ema.

Sabedores do nosso movimento de unificação nesta cidade, vieram por isso dar a sua adesão ao Centro Espírita «Divino Mestre», que é presentemente o Centro que foi escolhido para sede dos Centros unidos de São José dos Campos.

Dessa união fraterna já se está colhendo os primeiros frutos que esta consoladora doutrina oferece. Temos a frente desta verdadeira obra de bem, os companheiros

Walter Vieira, José Felix e outros, que estão construindo a nova sede do Centro Espírita «Amor e Caridade», no bairro populoso de Santana do Paraíba. E a exma. sra. D. Maria Santana que inaugurou a poucos meses uma escola de corte e costura, e um curso de alfabetização e que diplomou há dias uma turma de costureiras, competentes, aptas para enfrentar as fases duras da vida.

Dessa união frat-rns, os companheiros de idade, Manoel Peres, João Esteves e outros conseguiram voltar-se a uma realidade a construi-

ção de albergue noturno desta cidade. As plantas já se encontram prontas e com a cooperação dos espíritas unidos e do povo em geral, vai ser iniciado por esses dias esta benemerita obra de assistência social. Os espíritas de São José dos Campos não foram apanhados da sanção da U. S. E. e com o plano do congresso espírita a se realizar em Junho próximo, através do qual tomaremos parte ativa, para que a união de todos os espíritas se torne realidade.

MARIO SCHOLZ

Casa de Saúde «Allan Kardec»

FRANCA

DONATIVOS RECEBIDOS

FRANCA: da Ivanda Barreiros, \$5,00; Jorge Peliciari, um sacco de arroz beneficiado, \$140,00 — BATATIM: Serafim Penha, \$15,00. — POR INTERMEDIO DE JOAQUIM MARQUES CAVALLANTI — em CAMBARÁ, \$ 682,00; em ANDARAÍ, \$ 375,00; em ITAMBARACÁ, \$ 170,00; em BANDEIRANTES, \$ 620,00; em CORNELIO PROCOPIO, \$ 990,00; em IBIPORÁ, \$ 215,00.

PRÓ NOVO PAVILHÃO:

S. PAULO: sra. Jesulmina Rebelo, \$10,00; João Mazini, \$100,00 — LIMEIRA: João Barbosa Chaves, \$150,00 — FRANCA: Dr. Antonio Peixe, \$1.000,00; Delfim Nunes Machado, por int. L. Machado, \$ 209,00; Leopoldo Ferreira de Mello, \$50,00; João Kazan, \$20,00; Nehemy Soc. Comercial Ltda., \$57,00 — LONDRINA: Cristobal Lopes Rubio, \$ 100,00. — SÃO TOMÁS DE AQUINO: d. Alexandrina Alves, \$10,00; Isaac Campos, \$5,00. TAQUARITINGA: Resultado de uma lista a cargo de Salvador Arnoni, \$ 185,00.

Em nome da Casa de Saúde «Allan Kardec», agradeço a todos os bondosos doadores, rogando ao Altíssimo para lhes conceder a devida recompensa.

Franca, 26 de Maio de 1947.

JOSÉ RUSSO — provedor gerente

OBRAS CRISTÃS NOTÁVEIS

- HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ — Williston Walker — 2 volumes luxuosamente encadernados Or \$ 85,00
- O QUE UM RAPAZ DEVE SABER — Sylvanus Stall — obra aconselhada a todos os moços cristãos, encad. Or \$ 18,00
- HISTÓRIA DO NOVO TESTAMENTO — Thomas Carter — em magnífica encadernação Or \$ 18,00
- VIDA E ATO DOS APÓSTOLOS — C. Schutler — notável repertório de ensin. — encadernada Or \$ 17,00
- PRINCIPALTE ESPÍRITA — A. Kardec — encadernado Or \$ 10,00
- OBREIROS DA VIDA ETERNA — F. Cândido Xavier — quarto e último livro ditado por André Luiz, encadernado novo e excelente oferta aos estudantes das realidades espíritas — broch. \$ 15,00 — encad. Or \$ 21,00
- NOVO TESTAMENTO — capa de pano Or \$ 4,00

Faça o seu pedido à LIVRARIA «A NOVA ERA»
Caixa Postal, 65 — FRANÇA — Estado São Paulo

Livros indispensáveis em sua estante:

COLETANEA DO ALÉM	18,00	—	25,00
NA ESCOLA DO MESTRE	20,00	—	26,00
NAS PEGADAS DO MESTRE	12,00	—	18,00
NO INVISÍVEL	22,00	—	28,00
ILUMINAÇÃO	10,00	—	14,00
GARTILHA DA NATUREZA	8,00	—	10,00
NO LIMAR DO ETERNO	10,00	—	16,00
LÁZARO REDIVIVO	13,00	—	19,00
EVOLUÇÃO ANTIGA	14,00	—	20,00
NARRAÇÕES DO INFINITO	10,00	—	16,00

Peça pelo reembolso postal à LIVRARIA «A NOVA ERA»
Rua Campos Sales, 929 — FRANÇA — Caixa Postal, 65

Página da Juventude Espírita

Esta página é dedicada a todas as Juventudes Espíritas do Brasil, pela JUVENTUDE CULTURAL ESPÍRITA de Franca. Nesta parte serão publicados todos os trabalhos de interesse da «Juventude Espírita do Brasil».

MAIS UMA FELIZ INICIATIVA

«A Nova Era», pelos seus diretores, inicia hoje esta página dedicada às Juventudes Espíritas do Brasil. Atendendo bem ao programa do inaneável batalhão prof. Leopoldo Machado que, há pouco, nos visitou, queremos estar solidários com esse movimento, dando a ele todo o apoio possível. Pedimos, pois, aos jo-

vens amigos desta folha, e também a todos os leitores, nos enviarem sugestões para esta página. Esta seção terá como objetivo, em parte, o registro de todo o movimento da «Juventude Cultural Espírita de Franca», agremiação recentemente organizada e fundada em nossa cidade e que teve como parâmetro o

Prof. Leopoldo Machado, de Nova Iguassú. Acreditamos nos jovens que, dentro de nossa Doutrina, sabem elevar, com alegria e entusiasmo, os princípios doutrinários do Espiritismo, convidando sempre que aos moços atuais cabem lhes tarefas as mais lúidas nas fileiras da «Terceira Revelação».

Juventude Espírita e os «Centros Espíritas do Brasil» Rir faz bem para o espírito...

Cabe aos Centros Espíritas do Brasil organizarem, com dedicação e brevidade, as juventudes espíritas de suas cidades. Apelamos para os dirigentes de todos os centros, em cujas cidades ainda não se fez movimento dessa natureza. As juventudes espíritas devem orientar-se por um programa de realizações. Sempre fomos dos que acreditaram nos moços espíritas de nossa Pátria. E esses, quando bem orientados, poderão fazer muito na parte Social da Doutrina. De há muito temos ocupado, pela tribuna e imprensa, desse assunto inadiável no meio Espírita. Devemos, no entanto, escolher um programa padrão para objetivar nossas atividades. E esse

programa deverá ser uniforme para todas as juventudes do Brasil. Para isso, chamamos atenção dos interessados sobre o programa elaborado e levado à prática pela juventude Espírita de Nova Iguassú, a cuja frente se encontra o dedicado servidor desta causa — o prof. Leopoldo Machado. Essa orientação já foi tomada por 122 juventudes de diversos Estados e de inúmeras cidades. Eis porque, jovens espíritas, deveis fazer esse movimento em suas cidades e, em seguida, escrever ao Prof. Leopoldo Machado, em Nova Iguassú — Estado do Rio, pedindo a ele todas as informações necessárias para esse fim.

Agnelo Morato

Num bonde um cavalheiro distraído lia um jornal. Chegou-se a ele o cobrador. Sem olhar para ninguém o homem dá-lhe uma moeda de 1 cruzeiro e o empregado da empresa, no velho estribilho:

— O sr. aceita «passe»?
— E o homem do jornal, displicente:
— Obrigado. Eu não sou espírito...

Uma velha beata passou por um operário que, não obstante ser dia santificado, trabalhava em uma construção. E a mulher indignada:

— O senhor, não tem consciência, trabalhando em um dia como este, que deve merecer respeito?
— E o operário, cortando o assunto:
— Consciência eu tenho, minha senhora, mas meu estômago é muito ateu...

Chega em casa, completamente embriagado, certo homem. A mulher que nunca o viu naquele estado, pergunta-lhe:

— Como aconteceu isso?... Você nunca fez isso...

— E o «virtuosíssimo» chefe da casa:
— Não vê você que eu havia combinado de pagar uma garrafa de cizano aos meus companheiros de escritório... Comprei o vinho e assentei na mesa do bar...

— E os seus companheiros lhe puseram nesse estado?

— Não, mulher, não os culpe... Eles não apareceram e fui obrigado a beber sozinho o litro de vinho...

Nota: Lembre-se que o álcool é seu inimigo fígadal.

Juventude Cultural Espírita de Franca

Essa nova agremiação, cujo objetivo é congregar todos os moços residentes em nossa cidade, teve sua fundação no dia 11 de Maio, quando da visita do maior amigo dos jovens espíritas do Brasil, o entusiasta prof. Leopoldo Machado.

A festa de posse de seus diretores se deu no dia 13, nos salões do Centro Espírita «Esperança e Fé». Foi uma noite cheia de movimentação e onde houve também muitos pontos doutrinários de grande oportunidade para os presentes.

A diretoria da «JCEF» ficou composta com os seguintes elementos: Agnelo Morato, Menlor; Termutes Lourenço, Presidente; Gentil Camargo, Secretário; Armando Ribeiro, Tesoureiro; e Joaquina Ribeiro, Bibliotecária.

SORTE DOS COPOS

JUDAS DE JUDAS

Come por aí, hoje em dia, um divertimento inteiramente novo e, de véras, gostoso. Trata-se tão somente do processo de adivinhação por meio de copos. O processo mais generalizado é o de se escrever em um pano as letras do alfabeto. Os dedos são ligeiramente colocados sobre o copo, que se acha de boca para baixo, e, a cada pergunta, é esse objeto transportado a cada uma das letras, até formar a palavra ou as palavras da resposta.

A resposta, é claro, é dada por entidades que atendem a solicitação. Tal brincadeira não se encontra em voga entre moços espíritas. Não. Pois tratando-se de resposta às mais curiosas e personalísticas e sentimentais perguntas, eis que a juventude, toda ela, busca informações as mais variadas.

Passarei nos exames? Teria «ele» rompido comigo? Quando me casarei? Será rico? Fará as pazes comigo? Serei traído? Viverei muito? Irei ao estrangeiro? Todas estas e outras mil interrogações são respondidas nestas cerimônias de pitonissas improvisadas:

Um jovem espírita solicita-me esclarecimentos em torno do caso. Os encantadores têm sido sempre desbancados. Podem realizar prodígios, como o afirmou Jesus, Elymas, ou Bar Jesus, desmascarou-o Paulo, deixando-o atordoado com uma cegueira expiatoria. (Atos 13. 6: 12) Lydia, a vendedora de púrpura, logo que convertida ao «caminho», abandonou suas práticas. (Atos 16. 14: 15) Finalmente o caso do judeu Sevea, cujos sete filhos exorcizavam em nome de Jesus, a quem Paulo pregava. Sabese muito bem o que ocorreu. O espírito que tomara o médium, os desafiou com palavras esmagadoras, tendo, em seguida, passado às vias de fatos. (Atos 19. 14: 17)

Se, de um lado, as Escrituras, bem como os tratadistas espíritas, não negam fatos de verdade a esse fato, por outro lado, são tidos e havidos como preferências perigosas, tal qual a profissão do pirotécnico desassessado. Alguém poderia retrucar que a prática dos copos é original e inocente. Mas eu respondo que é tão inocente quanto as investigações meramente científicas, no campo da atomologia.

Jesus, juntamente com seus amados discípulos fazia, na cura da Talitra, por exemplo, um trabalho idêntico em natureza fenomenal, àquêle feito pelos filhos de Sevea. Apenas o elemento sentimental, afetivo, substancial, portanto, é outro, diametralmente outro. Como essa substância, o sentimento, responde, em assuntos morais, espirituais e mesmo científicos, por ponderosa porcentagem de valia, conclui-se que a sua natureza altera matematicamente a essência da cerimônia. Eis o caso de Sevea, onde chocoteam os espíritos malévolos, em face dos trabalhos de Jesus, onde pontilhava a autoridade moral, o amor, o respeito, a fraternidade.

Pois bem. Interroguem os copos, os que quiserem. Mas notem bem. Os consultores nessas litúrgias só podem ser os irmãos em grau de evolução, daqueles que desafiam os filhos de Sevea, daqueles que, ao certo, muitas respostas falsas já lhes havia dado. Porque as entidades sérias não se podem preocupar com as nossas pieguices, amoldar-se ao capricho de nosso orgulho.

Falemos, mesmo, aos «mortos», através de nossas preces ao Pai em seu favor. Conversemos os habitantes do Além, pelos estudos que fizermos. Conoceremos para seu bem, estudando e praticando os evangelhos do Mestre.

Não mudemos a finalidade aos copos, não importunemos entidades, senão com orientações; não entorpecemos o copo da vida, manuseando o copo da sorte... Se os mágicos de todos os tempos, se os «responsadotes» de todas as épocas, renunciam suas habilidades ante a grandeza do Evangelho, ela deve comprimir o imediato da magia.

Moços e moças: consultem o copo. Mas o copo de sua consciência. Vejam o que habitaram a guardar aí. Consultem a âncora de seu coração. Vejam em quais sentimentos a treinaram.

Estudem a doutrina. Estudem a si mesmos. Deixem o copo das revelações utilitárias e bebam na taça da luz.

Assim estarão agindo contra os desvios e as obsessões.

Verdades nem sempre observadas

— Todo o defeito que descobrimos em nossos semelhantes são aqueles mesmos que estão acentuados em nós, mas que nosso egoísmo não nos deixa encontrarlos.

— A dor é o melhor meio para que nos aproximemos de Deus. No entanto a maior parte dos homens não a recebem com resignação e com a devida calma.

— O moço que foge das fu-

tilidades humanas deve ser um forte, apesar disso, ser, às vezes, criticado acerbamente pelos outros, que se degeneram nessas mesmas utilidades.

— Os preconceitos desnaturalizam as virtudes e encobrem os vícios.

ENTRE a amizade e a verdade, prefere-se a amizade.

Conto Quinzenal

(«... quem são meus irmãos, minha mãe?» — do Evangelho)

No oriente... Um soberano em pleno vigor da sua autoridade... Pensava ele que a fraternidade o salvaria. E, por isso, apegava-se somente a solidariedade que abrangesse os seus parentes. Todos os pertencentes de sua 5.ª geração os seus consanguíneos gosavam de certa régalia, tinham amparo material e proteção pelas suas leis. Tinha um reino todo de tranquilidade, pelo menos, entre os seus...

E esse rei estava satisfeito. Tinha sua consciência tranquila por que seus irmãos, seus parentes não sofriam fome e não sentiam os rigores da miséria...

Mas um dia... (Sempre um dia que nos chega para sacudir nosso orgulho e nossa presunção...) estava o soberano tomando sua refeição. Ao levar um pedaço de pão á boca, sem que tivesse explicação para isso, essa códea de alimento, rolou-lhe pelas barbas indo ao chão...

Muito supersticioso o monarca, cheio de medo pelo acontecimento casual, procurou imediatamente um oráculo do seu maior templo. Quería explicação para o que lhe acontecera... — Um pedaço de pão cair-lhe da boca!... Certo era um mau preságio!...

E o sacerdote, conhecedor profundo das Verdades Eternas, deu ao seu rei a seguinte explicação:

— Majestade, isso é uma advertência. Há de haver irmãos vossos que estejam passando fome.

O rei estremeceu. Seria possível?... Mesmo assim, replicou á afirmação do sacerdote:

— Não pode ser... Enviei ao mundo todos meus emissários para que trouxessem até meus domínios todos os parentes de minha geração. E todos eles estão protegidos por mim. Nenhum, tenho certeza, está na penúria...

E o velho filósofo, numa conclusão moral e evangélica:

— Pela lei sabia da Criação, todos nós somos irmãos... Há-de haver por certo, irmãos de Vossa majestade que passam fome das mais tristes...

Toriba-Ard

APRENDE a conhecer o mal. Depois de conhecê-lo, evita-o. Depois de evitá-lo deve ter por dever fazê-lo conhecido a todos, assim de que lutem contra ele...

ASUPERSTIÇÃO de que a ardua espanta azar veio de um ditado antigo: «Onê na ardua, Deus ajuda».

Diabinho Coxo

(Apóloge de observação na coletividade espiritual)

Leopoldo Machado

A historieta é simples, mas expressiva.

E, talvez, cheia de observações e ensinamentos.

Contou-na a ilustre confrade, que fôra transmitida por um irmão da Espiritualidade.

Achamo-la de tal maneira interessante, que não sopitamos o desejo de pô-la em letra de fôrma, para irmãos que têm olhos de ver e inteligência de compreender, como se diria em linguagem evangélica.

Vamos, porém, à história.

A órte de Satanaz estava agitada.

Fôra mister se convocasse uma assembléa extraordinária, da diabolos, diabões e diabinhos, para tomar-se, oficialmente, conhecimento do fato e determinar-se medidas urgentes de defesa do reino do inferno.

É que aparecera na Terra, entre os homens, um inimigo seríssimo, que estava assentando golpes de morte na existência de Santos, no inferno, nas penas eternas.

O Satanaz, na presidência, fundamentou:

— É um inimigo terrível, que não se tem por onde se lhe pegue. Todas as campanhas que se lhe tem feito, resultaram inúteis e inoquas. Trata-se de um inimigo tão sério que, sem acreditar em nós, vomitando do inferno e das penas eternas, matou a própria morte.

A morte não apavora seus asselados, que, sem temores de inferno e de nós, se esforçam por serem bons, ordeiros, laboriosos, honestos...

— O nome deste inimigo? Debatavou, indignado, a vomitar enxofre e pólvora pelas narinas, um diabo.

— É o espiritismo. Imagini que chegou ao extremo de ensinar que os diabos de hoje podem ser, pela lei da tal reencarnação, os anjos de luz de amanhã; que, se Deus é pai de todos, nenhum dos filhos seus irá para o inferno, por toda a eternidade, que, com ele, Satanaz está desmoralizado, o inferno falido, penas eternas invalidadas e a morte inexistente...

Pois, ataquemo-lo em nome da Ciência! Iberra sua diabo com fumagens de sábio.

Atacá-lo em nome da Ciência? Mas, ele presume-se a Ciência mesma. A Ciência da Imortalidade. Sábios e cientistas já se aproximaram dele para atacá-lo cientificamente e saíram atacados por ele, porque convertidos às suas leis. Foi bem este o caso do grande físico William Crookes, do insigne astrônomo Camilo Flammarion, do naturalista respeitável Russel Wallace, dos médicos Paul Gieber, Gasvao Geley. Numa palavra, de homens como Ochorowicz, Aksekov, Frederico Koellner, Cronwell Varley, Oliver Lodge e centenas deles. Basta analisar que um destes nomes chega a desafiá-los os homens de senso a estudá-lo sem se tornarem espíritos. O inimigo dispõe de tais provas e tal lógica científica, que não há adversário seu que logre a melhor na luta contra ele.

Araquemo-lo, então, em nome da filosofia? Mas, o bilre se diz a própria Filosofia. A filosofia do Espírito, lógica, irrefutável, indestrutível. O Livro dos Espíritos, sua obra filosófica quando apareceu, há 90 anos, a maior autoridade do clero francês chegou a declarar do púlpito que «foi Deus quem cometeu ao sr. Allan Kardec a missão gloriosa de provar, cientificamente, a imortalidade de alma». Ora, como se vê, a filosofia

do Espiritismo é, também, ciência. E trata-se de uma filosofia e de uma ciência tão práticas e tão fáceis, que as pessoas mais incultas compreendem facilmente.

Estamos perdidos.

— É, também, religião? indaga um espírito das trevas, curioso.

Quando apareceu o tal «Livro dos Espíritos» dele disse uma autoridade do clero francês que «praticando-se o que ensina o Livro dos Espíritos tem-se feito o suficiente para ser santo na Terra». É um teólogo protestante escreveva que «Se com a Bíblia não conseguia entender o Espiritismo, agora, com o Espiritismo é que compreende bem a Bíblia».

É uma religião, tão profunda, que dispensa dogmas e mistérios, rituais alísimos e milagres, encanecidos e culto externo. É que salva sempre, visto como a ninguém condena irremediavelmente ao inferno, que não existe para ele, às penas eternas que, para ele, são de religiões dogmáticas. Estamos meus amigos e companheiros, às portas da falência, porque nossos bons aliados, os padres e pastores, não encontrarão, brevemente, ninguém para nos enviarem!

De mim, confesso que não sei que medidas tomar, porque ele, o Espiritismo, se apresenta, também, feito moral e sociologia, pedagogia e arte. Até como medicina, pois cura sem medicamentos e operações, a peste e a água fluida, a preces. Estamos derrotados, meus caros amigos!

— Peço, a palavra, sr. Presidente, ouviu-se uma vozinha fraca, esganada, que nada tinha da palavra de um diabo de classe. Era um diabinho coxo, magro e feio, muito pequenino.

— Para que pedes tú a palavra? — pergunta-lhe o presidente, o grande Satanaz.

— Eu queria, também, dar o meu palpite. Se valer a pena espiritualmente-lo...

— Majestade, deixa-o falar, que, às vezes, «de onde não se espera...»

— Sugieriu um diabo respeitável. Com a palavra, pois o diabinho coxo.

— Eminente Satanaz, chefe suprimido do Reino do inferno; meu plano para combater e atrapalhar a Espiritismo é o seguinte: o espiritismo pôde ser, realmente, estas coisas todas, mas os espíritos são homens como os outros, ainda cheios de defeitos e inferioridades. Homens que aceitaram o Espiritismo vindo de outras doutrinas diferentes, trabalhados por outras religiões e doutrinas mate-

Registrado no DEIP sob n. 60 em data de 28-3-1942.

Inscrição no M.T.I.C sob o n.º 76.930, em 19-5-1943.



Publicação quinzenal
ASSINATURAS:
Ano . . . Cr. \$ 15,00
Semestre . Cr. \$ 8,00
Officinas próprias

Órgão de Propaganda da Doutrina Espírita

ANO XX Franca, (E. São Paulo) 31 de Maio de 1947 N.º 766

— Ha agrupamentos de espíritos, em torno de programas de aproximação, para melhor desenvolvimento da Doutrina? Enfimemo-nos entre eles, despertando rivalidades em uns, invejas em outros, envidiamento nos mais atirados, desânimos e pessimismos em muitos... Ha obras de vulto e fôlego, que planejam em nome do Espiritismo? Formemos com os que negam apoio e solidariedade a elas, emprestando-lhes idéias e argumentos seguros que tais obras não adiantam, não se farão... que se adiantassem, partiriam deles, e de seu meio, por serem mais bem assistidos.

— Parece interessante o plano! admira-se um diabo respeitável.

Projeta-se um diabo programa de unificação do Espiritismo, de confraternização dos espíritos e de suas entidades? Atrapalhemos, intuindo aos grupos que se querem aproximar, para que tais aproximações nunca se realizem. Tais ou quais grupos, ou instituições, se avorram a dirigentes do movimento? Penetremos, jeltosamente, nelas e levemo-las a, esquecidos das lições dos Evangelhos, traçarem leis e programas humanos, personalísticos, exclusivistas, de repulsa a tudo o que vem de fora, a tudo o que não saia de seu meio, de sua grei. Numa palavra: onde houver qualquer movimento de molde a colimar trabalho, solidariedade e tolerância, que são as virtudes da divisa dos espíritos, porque as bases da diretriz do codificador do Espiritismo, af nos metamos, explorando vaidades, pretensões, convencimentos e personalismos, que estaremos, assim, atrapalhando a marcha do Espiritismo...

— Compreendo. Vale a pena estudar o plano, observou o presidente.

— Estudat? Experimentar já e já!

— sugeriu um diabo analista — que eu, de mim, acho o excelente.

E, naquele mesmo instante, abriu-se o voluntariado de diabinhos coxos, para porem, experimentalmente, o plano em ação. E saíram, imediatamente, levadas de diabinhos coxos por toda parte, a distribuir intuições dissolventes, a fingir espíritos de luz, a se esparramarem em co-

municações bonitas, a atrapalhar, jeltosamente, meios, planos e pessoas.

Um mês depois, as levadas de diabinhos coxos voltaram radiantes.

— E então, êxito na experiência? — Absoluto, majestade!

A estas horas, desafiamos que haja, na Terra, uma cidade, um meio espírito, uma organização em que exista entre espíritos plena harmonia, em que todos se entendem admiravelmente, em que reine paz e concórdia, em que não se hostilizem fraternalmente.

E o autor do plano largou estridente e gostosa gargalhada!

Hoje, prezado leitor espiritista, sempre que virdes, por aí alem, em pessoas, instituições e meios espíritos algo que exorbita da divisa do espiritista e do espírito da Doutrina, fica certo que existe ali «diabinho coxo».

E que tu nunca te deixes envolver, também, por nenhuma «diabinho coxo»!

— Ha agrupamentos de espíritos, em torno de programas de aproximação, para melhor desenvolvimento da Doutrina? Enfimemo-nos entre eles, despertando rivalidades em uns, invejas em outros, envidiamento nos mais atirados, desânimos e pessimismos em muitos... Ha obras de vulto e fôlego, que planejam em nome do Espiritismo? Formemos com os que negam apoio e solidariedade a elas, emprestando-lhes idéias e argumentos seguros que tais obras não adiantam, não se farão... que se adiantassem, partiriam deles, e de seu meio, por serem mais bem assistidos.

— Parece interessante o plano! admira-se um diabo respeitável.

Projeta-se um diabo programa de unificação do Espiritismo, de confraternização dos espíritos e de suas entidades? Atrapalhemos, intuindo aos grupos que se querem aproximar, para que tais aproximações nunca se realizem. Tais ou quais grupos, ou instituições, se avorram a dirigentes do movimento? Penetremos, jeltosamente, nelas e levemo-las a, esquecidos das lições dos Evangelhos, traçarem leis e programas humanos, personalísticos, exclusivistas, de repulsa a tudo o que vem de fora, a tudo o que não saia de seu meio, de sua grei. Numa palavra: onde houver qualquer movimento de molde a colimar trabalho, solidariedade e tolerância, que são as virtudes da divisa dos espíritos, porque as bases da diretriz do codificador do Espiritismo, af nos metamos, explorando vaidades, pretensões, convencimentos e personalismos, que estaremos, assim, atrapalhando a marcha do Espiritismo...

— Compreendo. Vale a pena estudar o plano, observou o presidente.

— Estudat? Experimentar já e já!

— sugeriu um diabo analista — que eu, de mim, acho o excelente.

E, naquele mesmo instante, abriu-se o voluntariado de diabinhos coxos, para porem, experimentalmente, o plano em ação. E saíram, imediatamente, levadas de diabinhos coxos por toda parte, a distribuir intuições dissolventes, a fingir espíritos de luz, a se esparramarem em co-

municações bonitas, a atrapalhar, jeltosamente, meios, planos e pessoas.

Um mês depois, as levadas de diabinhos coxos voltaram radiantes.

— E então, êxito na experiência? — Absoluto, majestade!

A estas horas, desafiamos que haja, na Terra, uma cidade, um meio espírito, uma organização em que exista entre espíritos plena harmonia, em que todos se entendem admiravelmente, em que reine paz e concórdia, em que não se hostilizem fraternalmente.

E o autor do plano largou estridente e gostosa gargalhada!

Hoje, prezado leitor espiritista, sempre que virdes, por aí alem, em pessoas, instituições e meios espíritos algo que exorbita da divisa do espiritista e do espírito da Doutrina, fica certo que existe ali «diabinho coxo».

E que tu nunca te deixes envolver, também, por nenhuma «diabinho coxo»!

D.ª ANA INÁCIA DE MELLO

Em Conquista, onde residia, desencarnou a veneranda senhora, D.ª Ana Inácia d. Mello, progenitora do nosso confrade e tesoureiro da Casa de Saude «Allan Kardec», sr. Miguel Sábio de Mello, bem como dos srs. Antonio Lopes de Mello e José Lopes de Mello.

Formulamos em favor da trespassada, nossas preces ao nosso Mestre Jesus.

Pró-Albergue Noturno

Doativos recebidos para a construção do Albergue Noturno desta cidade:

De S. Paulo: Ferreira & Cia., \$100,00; Evans & Shevam Importadora, \$200,00; Cia. Melhoramentos de S. Paulo, \$500,00; Ind. Textil T. Gabriel, \$100,00; Texidora S.A., \$1.000,00; Irmãos Venturacci Ltda., \$100,00. Usinas Químicas Brasileiras, de Jaboatocal, \$50,00; Romeu Franqui, de S. Paulo, \$50,00; Antonio Araetes, Igarapava, \$10,00; Loja Mac Amor 4 Virtude, de Franca, 331,70; Antonio Nogueira & Cia. Ltda., S. Paulo \$250,00; Joaquim Inácio de Souza, Campo Grande, \$1.000,00; Passarelli & Cia. Ltda., Santos, \$200,00; Siqueira & Cia. Ltda., Anápolis, Goiás, \$20,00; Banco Nacional da Cidade de S. Paulo \$200,00; Felix Pereira dos Santos & Cia. Ltda., Rio de Janeiro, \$100,00; Cia. União de Armazens Gerais, Santos, \$500,00. D.ª Mecânica e Fundação Irmãos Gazola S/A, de Itú, 1 Gravura de ferro fundido da Fuga para o Egito; de José Ferreira de Paula, S. João da Boa Vista, 1 Cavadeira de ferro.

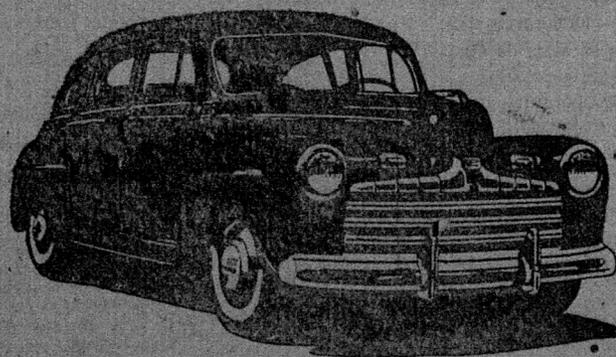
Sorteio de 1 Máquina Singer

Pró-Albergue Noturno

Avisa-se a todas as pessoas que o sorteio acima foi por força maior transferido para 12 de julho deste ano.

Franca, maio de 47. A Comissão

Um FORD, modelo 1947, Sedan 4 portas, por Cr. \$50,00!



GRANDE TOMBOLA PRÓ «EDUCANDARIO PESTALOZZI»

Venda 10 bilhetos e terá um — Pedidos á rua Monsenhor Rosa n. 785, a T. Novellino